

Arte, Educação e Revolução Cultural - Equador

Fidel Viteri

Sociólogo pesquisador independente em questões de sociologia urbana, filosofia, economia, mudanças climáticas e tópicos culturais da América Latina. Membro da Cátedra Livre de Estudos Latinoamericanos do Equador. Palestrante e gestor de Sociedade e Conhecimento Digital no Instituto Superior Tecnológico do Japão do Equador (ITSJE) e com a Confederação Equatoriana de Profissionais Universitários (CEPU).

Resumo

O texto tem origem em conferência realizada em seminário e o objetivo é refletir sobre o contexto da pandemia, ilustrando com o debate sobre distanciamento social ou físico. Os pressupostos teórico-metodológicos se baseiam nos conceitos de cultura e capital.

Palavras-chave: cultura; capital; covid-19; pandemia; saúde.

Resumen

El texto tiene su origen en una conferencia realizada en un seminario y el objetivo es reflexionar sobre el contexto de la pandemia, ilustrando con el debate sobre la distancia social o física. Los presupuestos teórico-metodológicos se fundamentan en los conceptos de cultura y capital.

Palabras clave: cultura; capital; covid-19; pandemia; salud.

Abstract

This text is derived from a conference held in a seminar and its objective is a reflection on the context of the pandemic, exemplified with the debate on social or physical distance. The theoretical-methodological assumptions are based on the concepts of culture and capital.

Keywords: culture; capital; covid-19; pandemic; health.

Introdução

Primeiro, entendamos o que é a palavra cultura. A palavra cultura torna-se uma das categorias, dentro das ciências sociais, mais complexas para análise. Porque cultura pode ser e é entendida a partir do que é a criação artística, qualquer uma das artes plásticas, cênicas, etc. Ou da perspectiva do que significa cultura na psicanálise e no

sentido freudiano, como uma estrutura que submete o indivíduo, que o atravessa e o gera, assim como o capital, no sentido marxista, o que mais se aproxima do que Freud propõe como cultura.

Somos sujeitos de cultura, porque estamos sujeitos a uma série de estruturas que criam para nós certas perspectivas de como nos entendermos e como nos conduzirmos na sociedade. Portanto, dentro desse aspecto, devemos entender também como se desenvolve o processo do que é cultura, do que é o discurso, e já passando ao que seria a visão dentro dos termos de Foucault, que também viria a se relacionar com o termo cultura.

Esse discurso que vai se impondo através de cargas e violências simbólicas sobre o indivíduo e que estão gerando uma estrutura específica de uma atitude cotidiana. Então o que existe e o que está se desenvolvendo neste momento com a pandemia é uma ruptura com essa ordem de discurso. Há uma ruptura lógica com essa ordem de discurso e estão surgindo duas questões, duas categorias fundamentais que entram em discussão o que é distanciamento social e o que é distanciamento físico.

Equador

O distanciamento social, se assim o entendemos, é isolar o indivíduo, as pessoas. Seria o não mais do ideal moderno, do ideal da modernidade sobre o indivíduo, que é essa individualização extrema, ruptura do indivíduo perante a comunidade, esse isolamento do indivíduo perante a comunidade. O que nos geram, que nos chega através dos grandes meios de comunicação, por um lado; por outro lado, do sistema médico; por outro lado, do sistema escolástico-escolar, vêm dizendo que é preciso gerar um distanciamento social.

“Vamos esperar um pouco, por que não falar de um distanciamento físico?” O que é completamente diferente, que é manter dois metros de distância O que não é um distanciamento social. O distanciamento social faz com que nossas práticas culturais mudem, vão se isolando, se individualizando, se atomizando, em direção ao que é praticamente um núcleo familiar específico e nada mais.

Relações de amizade, relações de camaradagem, relações de trabalho, vão sofrendo rupturas dentro desse processo de distanciamento social, O trabalhador, o proletariado intelectual, não trabalha mais dentro de um escritório, agora trabalha através desses sistemas de teletrabalho, através de dispositivos eletrônicos, novas TICs (tecnologias da informação e da comunicação), novas tecnologias de informação e conhecimento, isolando-se e gerando duas questões fundamentais.

Se for a questão feminina, gera uma precarização do trabalho ainda maior do que a que já havia sido criada. As mulheres estão recebendo o fardo mais forte do que é o distanciamento social e o problema do teletrabalho. Porque a mulher está sobrecarregada, enquanto está trabalhando para colocar pão na mesa, tem que cuidar do filho, cuidando ao mesmo tempo das tarefas domésticas, mas por outro lado, gera-se também isolamento e ruptura do que é a relação social.

Neste seminário falou-se em retardar a volta às aulas, mas surge uma dúvida: o ser humano é um animal social em si. É um animal que se relaciona e que seu modo de

vida é social. Vamos partir do *zoon politikon* proposto por Aristóteles. O *zoon politikon* diz que o ser humano se desenvolve e todas suas relações são políticas, ou seja, são sociais. Todas as criações que estamos gerando são criações sociais, que temos que fortalecer. Na questão da educação, o mais forte que vem acontecendo é essa ruptura entre as novas gerações. A escola não é só o espaço onde vou aprender, porque também posso ensinar meus filhos em casa a ler, a escrever, somar, subtrair, multiplicar. Posso ensinar o básico, mas o que não posso ensinar é a relacionar-se socialmente. Está sendo gerada uma sociedade e a categoria de distanciamento social está gerando uma geração que carrega um forte fardo, uma incapacidade de se relacionar.

Há uma nova geração social com muitos sintomas do que vem a ser problemas graves e deficiências graves como o autismo, devido ao fato da pandemia. Covid-19 mata, 5% dos contágios são fatais, na pior das hipóteses. No caso do Equador, está situada em 5,2% a mortalidade por covid. Porém, continuamos propondo que não se deve aproximar das pessoas, que deve romper com seus círculos sociais, que também implica não participar da passeata, não protestar, não reivindicar seus direitos porque para tanto, deve reivindicá-los em conjunto, não pode reivindicá-los individualmente; pois ao reivindicá-los individualmente, não te dão atenção em nossas sociedades.

Tem se gerado todo esse processo catastrófico que vai impedindo e atomizando mais os indivíduos. No que diz respeito à pandemia e dentro do que é um processo de mudança, há que repensar a abordagem do que é o ser humano. Vamos continuar a nos considerar ser humano como o ser social que somos, ou vamos acatar as disposições e diretrizes da OMS (Organização Mundial da Saúde) ou dos governos de turno do distanciamento social? Ou só vamos exercer um distanciamento físico para preservar nossa saúde? O que é muito diferente. Com o distanciamento físico, posso falar a dois metros de distância, mas continuo compartilhando e gerando esses processos de socialização.

É bastante interessante como existe uma perseguição à noite. A noite em si é o cenário em que se propôs que há morte. A noite foi colocada como sinônimo de morte dentro no contexto da pandemia. Todos os países que aplicaram quarentenas e em todos os locais onde foram aplicadas, são aplicadas dizendo que de noite a população será contagiada, não durante o dia, não sabemos por quê. Parece que o vírus não atua durante o dia, apenas à noite. Mas porque falamos da noite como esse espectro? Porque também é uma questão cultural. A noite aborda vários espaços de conspiração. A noite gera espaços para poder repensar e pensar o mundo a partir de outras perspectivas que a manhã não permite. A noite é insurgente por natureza. É insurrecional por natureza. A noite se desfruta, enquanto de dia se produz.

Considerações finais

Entendamos que dentro da tradição judaico-cristã, o deus judaico-cristão amaldiçoa homens e mulheres, a humanidade é amaldiçoada com o trabalho depois de ter provado o fruto do conhecimento. Isso é proposto dentro das primeiras linhas bíblicas. O dia é para produzir, a noite para desfrutar. O dia é uma maldição. O trabalho é uma maldição em

si. O desfrute não é. Por isso também temos que pensar como desfrutar nesse processo. Como quebrar essa estrutura cultural na qual estamos vinculados, à qual estamos sujeitos para mudar nossas expressões. O trabalho em si, como trabalho, é uma maldição. Mas a essa maldição se opõe com o desfrute. O desfrute pagão, o desfrute terreno.

Antes que ocorresse o processo mais forte das cruzadas contra os islâmicos, ocorrem as cruzadas contra algumas das seitas cristãs na Europa. Dentro dessas seitas cristãs, estavam os cátaros. Diziam que uma das máximas dos cátaros era que você tinha que aceitar o estrangeiro porque ele trazia a novidade e havia que imergi-lo. A discussão entre os *fraticelli* ou franciscanos com os cátaros era sobre a pobreza. A pobreza é, para os cátaros, imergir a alma na miséria terrena. Ou seja, para ganhar o paraíso. Para os franciscanos, a pobreza era a representação física da pobreza, pobreza de propriedade, pobreza de objeto. Dentro disso, há que ver como foram construídos esses processos culturais. Esses cenários, que agora estão se reproduzindo de novo e nos dizem que temos que ter cuidado com vários elementos.

A noite é o elemento prejudicial por excelência dentro de todos estados. E há que combatê-la porque se não teremos uma segunda onda da covid-19, etc, etc, etc. Mas também a noite nos permite outros cenários. Permite-nos outras experiências. [...] O teatro se faz à noite. Você vai ao teatro à noite, para curtir, porque te dá uma experiência de desfrute. Porque permite desfrutar plenamente. A noite te permite o desfrute. Então isso tem que ser resgatado. Essa estrutura cultural que nos submete deve ser rompida.

Isso significa ir mudando para outras perspectivas, o que também é uma questão educativa, fundamentalmente para as novas gerações. Fazer com que as novas gerações entendam como se deve ir gerando um verdadeiro processo cultural, como ele deve ir mudando. Como vai se apropriando do outro, aceitando o outro, entendendo 'o outro' como alteridade. A modernidade não vai mudar. Mas sim podemos ir mudando de uma modernidade capitalista a uma nova modernidade; que nos permite introduzir o patológico, a alteridade, que nos permite o outro no sentido de uma nova perspectiva cultural.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. **Tótem y tabu**. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.

_____. **O mal-estar na civilização e outros textos**. Trad. de Durval Marcondes e outros. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os pensadores).

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARISTÓTELES. **Poética e outros textos**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

MARX, Karl. **El Capital - Crítica de la economía política**. Mexico: Editora Fondo de Cultura Económica, s/d.

Recebido em 13 de maio de 2022 e aprovado em 16 de maio de 2022